

**AS CARACTERÍSTICAS DOS COWORKINGS COM POTENCIAL DE INFLUÊNCIA
SOBRE O DESEMPENHO DOS NEGÓCIOS: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA**

HÉRIQUE COSTA RIBEIRO DE LIMA

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO (UFRPE)

TELMA LUCIA DE ANDRADE LIMA

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO (UFRPE)

BRIGITTE RENATA BEZERRA DE OLIVEIRA

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO (UFRPE)

AS CARACTERÍSTICAS DOS *COWORKINGS* COM POTENCIAL DE INFLUÊNCIA SOBRE O DESEMPENHO DOS NEGÓCIOS: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

Introdução

Mudanças culturais, comportamentais e o amadurecimento de estratégias envolvendo a cooperação proporcionaram uma disseminação de novos modelos de negócio, desenvolvidos a partir da lógica da interação e do compartilhamento. Muitas dessas transformações criaram novas necessidades, tanto para empregadores quanto para trabalhadores, abrindo-se espaço para a disseminação de espaços de trabalho mais flexíveis, como o *coworking* (RIADINSKA *et al.*, 2018).

As características comumente presentes nos espaços de *coworking*, exploradas por Spinuzzi (2012) e Capdevilla (2013), determinam de forma genérica os espaços de *coworking* como concentradores de altos níveis de atividades, compartilhamento de valores, princípios e construção de comunidade por meio do conhecimento. Os pontos destacados pelos autores auxiliam nos desdobramentos trazidos por Waters-Lynch e Potts (2017), afirmando que os espaços de *coworking* precisam ser instituições para a criação de novos clientes, alianças, parcerias e negócios e proporcionar benefícios exclusivos para que os usuários percebam o valor de estarem integrando o ambiente.

Essas características têm atraído atenção, principalmente pela flexibilidade proporcionada por esses ambientes - quando comparados aos trabalhos realizados em escritórios corporativos tradicionais (BUENO *et al.*, 2018; CHEAH; HO, 2019). Os *coworkings* são projetados para serem abertos, inclusivos e compartilhados por pessoas de diferentes origens e funções: empresários, *freelancers*, artistas, pesquisadores, estudantes, entre outros (CHEAH; HO, 2019).

Para Seo *et al.* (2017), os espaços de trabalho compartilhados, como os ambientes de *coworking*, são uma das três maiores mudanças que ocorreram na esfera do trabalho em prol do conhecimento nos últimos 30 anos, junto com a ascensão dos computadores pessoais e da tecnologia móvel. Esse posicionamento ressalta que os estudos sobre o compartilhamento de espaço, mais especificamente, o *coworking* são pertinentes, no entanto a exploração do tema ainda carece de pesquisas futuras (NAKAO; MUSSI, 2018).

Diante desse contexto, o presente artigo surge de uma Revisão Sistemática da Literatura (RSL) que tem o objetivo de pesquisar os estudos já realizados sobre *coworking* e identificar quais as características dos *coworkings* possuem o potencial de influenciar o desempenho dos negócios.

O trabalho está estruturado em cinco seções: inicialmente, esta introdução; a fundamentação teórica; os procedimentos metodológicos para a realização do presente estudo; os resultados obtidos e sua discussão; por fim, a conclusão.

Fundamentação Teórica

Ainda não há um consenso sobre a origem formal do conceito de *coworking*, porém muitos estudos consideram que esse conceito foi lançado no Estados Unidos, em 2005, por Brad Neuberg e Chris Messina (SPINUZZI, 2012; BUENO *et al.*, 2018; HOWELL; BINGHAM, 2019). Neuberg ressignificou o *coworking*, retirando-o do ambiente online criado por DeKoven e trazendo-o para o espaço físico, ao abrir o primeiro espaço de *coworking* em São Francisco (BUNNELL; LINDEN, 2011).

Conceitualmente, o ambiente de *coworking* criado por Neuberg pode ser entendido como um espaço compartilhado entre *coworkers* (termo que abrange os empreendedores e os negócios envolvidos que se inter-relacionam e compartilham o mesmo local) que, por meio de interações entre si, fortalecem as conexões, descobrem novas *expertises* e agregam valor de forma mútua, proporcionando a sensação de comunidade (CAPDEVILA, 2014; GANDINI, 2015; SUÁREZ, 2016).

Quando Howell e Bingham (2019) realizaram uma entrevista com Neuberg, ele explicou que, como desenvolvedor de *software*, ansiava pela estrutura de ambiente de trabalho em comunidade e, ao mesmo tempo, por manter a liberdade e a independência na sua atuação. Ele considera que a interação pessoal é necessária para o desenvolvimento da confiança humana, sendo o caminho para incorporar as características de abertura, interação, compartilhamento e participação ao *coworking* (LEFORESTIER, 2009; BUNNELL; LINDEN, 2011; CHEAH; HO, 2019).

Spinuzzi (2012) afirma em sua pesquisa, uma das mais importantes na área, que o *coworking* não possui uma definição precisa por conta da diversidade de percepções existentes, entre elas os autores destacam: *coworking* como espaço, alternativa viável e menos custosa para o ambiente profissional, além de facilitar a adaptação de quem não se sente produtivo em *home office*; *coworking* como *hub* social e colaboração, ambiente de interação, onde há espaço para troca de ideias.

Procedimentos metodológicos

A pesquisa realizada caracteriza-se como qualitativa (RICHARDSON, 1999) e descritiva (KÖCHE, 2011) e, para atingir os objetivos propostos, realizou-se uma Revisão Sistemática de Literatura (PETTICREW; ROBERTS, 2008). Essa metodologia consiste em identificar estudos sobre um tema em questão, utilizando métodos sistematizados de busca, avaliação da qualidade e viabilidade dos estudos encontrados (DE-LA-TORRE-UGARTE-GUANILO *et al.*, 2011). Sampaio e Mancini (2007) destacam que a revisão sistemática é um método que viabiliza um resumo de todos os estudos sobre determinada intervenção, permitindo incorporar um maior espectro de resultados relevantes e evita a limitação das conclusões à leitura de alguns trabalhos.

Para a realização dessa pesquisa, utilizou-se como base a descrição geral de revisão sistemática apresentada por Sampaio e Mancini (2007) somada à estrutura trazida por Gerber *et al.* (2013). O trabalho realizado por estes autores adaptou um procedimento de localização e busca de artigos que pode ser utilizado também para o passo a passo de revisão sistemática, acompanhando as seguintes etapas: (1) parâmetros gerais da pesquisa; (2) recursos de apoio; (3) índices de busca; (4) refinamento preliminar; (5) refinamento avançado; (6) refinamento específico de títulos e resumos; (7) refinamento específico de textos completos; (8) base de trabalhos científicos.

A primeira etapa consiste em definir o objetivo, locais de busca, tipo de publicações e mídia (GERBER *et al.*, 2013). Para atingir o objetivo discriminado na introdução, foram realizadas buscas por artigos científicos publicados nas bases Web of Science, ProQuest, Science Direct, Scopus, Scielo e Spell, também tendo sido realizadas buscas na base do SSRN, que é um repositório online de pesquisas acadêmicas ainda não publicadas, com acesso aberto e disponível para a maioria dos artigos (ELSEVIER, 2019).

A segunda etapa busca providenciar recursos e tecnologias de apoio à pesquisa. No caso desta, todo o processo de elaboração de protocolo, busca, seleção e extração dos trabalhos foi feito com o auxílio do software StArt. Conforme pontuam Hernandes *et al.* (2012), o StArt

fornece suporte às etapas do processo de Revisão Sistemática, que exigem disciplina e organização, visto que os pesquisadores realizam manualmente as buscas nas bases de dados, exportam os resultados em formato BibTex e, então, importado pelo StArt. O *O software* minimiza o processo laborioso, sendo capaz de diminuir a possível incidência de erros e desvios no processo.

A terceira etapa trata de definir os índices de buscas com termos e palavras-chave. Essa fase envolve descrever diferentes maneiras pelas quais o objeto de pesquisa pode ser definido, inclusive termos sinônimos (PETTICREW; ROBERTS, 2008). Porém, percebeu-se que associar o termo *coworking* a algum outro modelo de espaço compartilhado de trabalho (*hackerspaces*, *FabLabs*, Incubadoras, entre outros) traria vieses para o escopo da pesquisa (SPINUZZI, 2012; CAPDEVILLA, GANDINI, 2015). Apesar disso, constatou-se que a literatura sobre *coworking* trata como sinônimo a expressão *co-working*, com hífen (GANDINI, 2015; NAKAO; MUSSI, 2018). Considerando o sinônimo apontado pela literatura, obteve-se o termo de busca “*Coworking*” OR “*Co-working*”.

Nas etapas quatro e cinco, são realizados o tratamento dos índices de busca e a definição de seus critérios básicos e avançados (como idioma, delimitação temporal, tipo de trabalho, local de publicação, entre outros). A maior parte das informações dessas duas etapas foi definida na elaboração do protocolo de Revisão Sistemática, optando-se por:

- Artigos acadêmicos (excluindo-se capítulos de livros, teses, dissertações, entre outros formatos de trabalho que não sejam aqueles);
- Publicados em revistas científicas (excluindo-se publicações em congressos, eventos, trabalhos profissionais, entre outros meios);
- Escritos em Inglês ou Português;
- Horizonte temporal entre os anos de 2009 e 2019;
- Acesso aberto e gratuito.

Aplicando esses critérios à maior parte das bases de dados escolhidas, obteve-se um total de 286 resultados.

A partir dos 286 títulos e resumos lidos nessa fase, 57 artigos publicados em periódicos foram selecionados pelo alinhamento com o propósito da pesquisa, utilizando-se os seguintes critérios de inclusão: abordar o *coworking* como tema principal; abordar aspectos do *coworking* aplicado às empresas; possuir evidências científicas empíricas com base em dados qualitativos ou quantitativos; contribuir para responder às perguntas de pesquisa. Dentre os artigos excluídos, 8 foram trabalhos duplicados e 222 foram declinados devido aos critérios de exclusão: que não estejam nos idiomas português ou inglês; que não tenham seus textos disponíveis na íntegra ou gratuitamente; que sejam anteriores ao ano de 2009; que sejam partes ou capítulos de livros; que estejam duplicados; que fujam ao tema proposto ou não estejam aptos a responderem a pergunta de pesquisa; que sejam de outras áreas do conhecimento se não às ciências sociais aplicadas (administração, economia, finanças, empreendedorismo, entre outras); que tenham uma versão ampliada mais recente.

Ao final da seleção, os 22 artigos selecionados foram lidos na íntegra, analisados e compuseram a base de trabalhos utilizada pela pesquisa para obtenção dos resultados. A partir desse processo, identificou-se na literatura o trabalho de Spinuzzi (2012), que por conta da grande quantidade de citações recebidas, pode ser considerado como um estudo de caráter relevante para o tema da pesquisa, o qual foi incluso posteriormente entre os artigos lidos como “bola de neve”, ou “*snowball*” (PETTICREW; ROBERTS, 2008). A Tabela 1 demonstra a base de trabalhos que foram lidos, totalizando, portanto, 23 artigos.

Tabela 1 - Base de trabalhos utilizada

Autores	Título	Ano	Origem	Base
RIADINSKA, Valeria; KOZACHENKO, Oleksandr; IHNATIUK, Oleh.	Prerequisites for the introduction of modern forms of self-employment of the population and their impact on the country's economy	2018	Baltic journal of economic studies	Web of Science
BOUNCKEN, Ricarda B.	University <i>coworking</i> -spaces: mechanisms, examples, and suggestions for entrepreneurial universities	2018	International journal of technology management	Web of Science
CASTILHO, Marcelo F.; QUANDT, Carlos O.	Collaborative Capability in <i>Coworking</i> Spaces: Convenience Sharing or Community Building?	2017	Technology innovation management review	Web of Science
SEO <i>et al.</i>	Priorities of <i>Coworking</i> Space Operation Based on Comparison of the Hosts and Users' Perspectives	2017	Sustainability	Web of Science
GERDENITSCH <i>et al.</i>	<i>Coworking</i> Spaces: A Source of Social Support for Independent Professionals	2016	Frontiers in psychology	Web of Science
SOARES, Juliana Maria Moreira; SALTORATO, Patricia.	<i>Coworking</i> , uma forma de organização de trabalho: conceitos e práticas na cidade de São Paulo	2015	AtoZ - novas práticas em informação e conhecimento	Web of Science
FUZI, Anita	Co-working spaces for promoting entrepreneurship in sparse regions: the case of South Wales	2015	Regional studies regional science	Web of Science
ŠVIRÁKOVÁ <i>et al.</i>	Culture Managers Education: System	2014	Procedia - Social and Behavioral	Science Direct

	Dynamics Model of the <i>Coworking</i> Design Centre		Sciences	
VAN HOLM, Eric Joseph	Makerspaces and Contributions to Entrepreneurship	2015	Procedia - Social and Behavioral Sciences	Science Direct
MILOVANOVIC, Snezana	Balancing Differences and Similarities within The Global Economy: Towards A Collaborative Business Strategy	2015	Procedia - Economics and Finance	Science Direct
HOENDERVANGER <i>et al.</i>	Individual differences in satisfaction with activity-based work environments	2018	PLoS One	ProQuest
LEE, Young S.	Creative workplace characteristics and innovative start-up companies	2016	Facilities	ProQuest
PARRINO, Lucia	<i>Coworking</i> : assessing the role of proximity in knowledge exchange	2015	Knowledge Management Research & Practice	ProQuest
BILANDZIC, Mark; FOTH, Marcus	Learning beyond books - strategies for ambient media to improve libraries and collaboration spaces as interfaces for social learning	2014	Multimedia Tools and Applications	ProQuest
CAPDEVILA, Ignasi	Knowledge Dynamics in Localized Communities: <i>Coworking</i> Spaces as Microclusters	2013	SSRN	
WATERS-LYNCH, Julian; POTTS, Jason	The Social Economy of <i>Coworking</i> Spaces: A Focal Point Model of Coordination	2017	Review of Social Economy	SSRN
CAPDEVILA, Ignasi	Different Inter-Organizational Collaboration Approaches in	2014	SSRN	

	<i>Coworking</i> Spaces in Barcelona			
CAPDEVILA, Ignasi	<i>Coworking</i> Spaces and the Localized Dynamics of Innovation in Barcelona	2015	International Journal of Innovation Management	SSRN
ABE, Tomokazu; UDA, Tadashi.	A Correlation Analysis of the Questionnaire Survey on <i>Coworking</i> Spaces in Japan	2016	Discussion Paper, Series A - HUSCAP	SSRN
UDA, Tadashi.; ABE, Tomokazu.	A Descriptive Statistics on <i>Coworking</i> Spaces in Japan	2016	Discussion Paper, Series A - HUSCAP	SSRN
ABE, Tomokazu; UDA, Tadashi.	Current Status and Issues of <i>Coworking</i> Spaces in Japan	2016	Discussion Paper, Series A - HUSCAP	SSRN
VANICHVATANA, Sonthya	Investigating Users' Perspectives of <i>Coworking</i> Space: Cases of Bangkok CBD	2018	Chinese Business Review	SSRN
SPINUZZI, Clay.	Working alone together: <i>coworking</i> as emergent collaborative activity	2012	Journal of Business and Technical Communication	Bola de neve

Fonte: Elaboração própria (2020)

Com a leitura inicial dos 22 artigos, foram extraídas duas categorias de análise: a primeira relativa a aspectos pessoais dos empreendedores que se encontram em espaços de *coworking*; a segunda relativa a aspectos empresariais (ou profissionais, no caso de autônomos ou empreendedores individuais). Os resultados em nível pessoal obtidos foram divididos em 3 subcategorias: produtividade, qualidade de vida no trabalho (QVT); convivência. Já a categoria empresarial foi dividida em outras 3 subcategorias: network; criatividade e inovação; financeira. Após a análise dos trabalhos, percebeu-se a existência de uma terceira categoria, incluída após leitura e identificação de aspectos da infraestrutura dos espaços de *coworking*, consideradas como cruciais para o resultado das organizações. A infraestrutura foi estudada em duas subcategorias: localização e ambiente.

Resultados

Os resultados são apresentados conforme a ordem das categorias e subcategorias de análise descritas na metodologia.

1. Pessoal

A primeira categoria de análise identificada refere-se a aspectos pessoais dos *coworkers*. Autores como Capdevilla (2013, 2014), Fuzi (2015) Uda e Abe (2016), Gerdenitsch *et al.* (2016), Seo *et al.* (2017), Bouncken (2018) e Riadinska *et al.* (2018) apresentaram aspectos que não poderiam ser distribuídos apenas no âmbito profissional. A relação entre as características percebidas nos espaços de *coworking* impactam também na produtividade individual dos membros, na qualidade de vida no trabalho e também na convivência entre si. Por isso, foram incluídas subcategorias de análise, a serem exploradas a seguir.

1.1. Produtividade

Uma parte significativa dos ambientes de *coworking* apresentam características capazes de influenciar positivamente a produtividade dos seus membros. A pesquisa de Soares e Saltoratto (2015) trouxe elementos como a realização de atividades extras no local de trabalho e a existência de espaços destinados à convivência dos *coworkers* como fatores influenciadores de seus índices de produtividade, bem como a flexibilidade encontrada nos espaços como fonte de crescimento profissional e motivação para trabalhar e realizar projetos dentro e fora do local de trabalho.

Para Gerdenitsch *et al.* (2016), em um pesquisa com 154 membros de *coworkings* ao longo da Europa, a produtividade foi a segunda razão mais apontada pelos participantes (68%) para decidirem trabalhar em um *coworking*, à frente de aspectos como o *network* (67%) e infraestrutura (63%). A razão mais apontada como principal motivo para integrarem o ambiente foi a interação social (83%), indicando a possibilidade de o contato entre os *coworkers* estar associado ao aumento de fatores

1.2. Qualidade de Vida no Trabalho

O ambiente de *coworking* é relacionado com aspectos da qualidade de vida no trabalho (QVT). Uma das formas de expressar essa relação é trazida por Capdevilla (2013, 2014), ao apresentar que *coworkers* em Barcelona costumam procurar um espaço de trabalho que seja próximo à sua residência, combinando melhor o trabalho e a vida familiar. De forma semelhante, um bom local de trabalho também representa a conveniência de estar próximo a clientes (atuais e potenciais), proporcionando menores custos logísticos e também redução da jornada de trabalho (CAPDEVILLA, 2013; 2014).

Outro fator citado por várias pesquisas é a flexibilidade (SOARES; SALTORATTO, 2015; SEO *et al.*, 2017; RIADINSKA *et al.* 2018). A versatilidade que os espaços de *coworking* possibilitam aos seus usuários, propiciando-os maior autonomia de decisão na adequação das horas laborais e também estímulo ao rendimento profissional e cumprimento de obrigações (SOARES; SALTORATTO, 2015).

A existência de espaços destinados à convivência, realização de dinâmicas como meditação, dança, relaxamento e respiração provocam um descolamento temporário do ambiente convencional de trabalho (SOARES; SALTORATTO, 2015). Para RIADINSKA *et al.* (2018), a organização de atividades extras, eventos e festas pode ser vista como forma de melhorar a qualidade de vida nos espaços de *coworking*.

Contudo, os eventos e festas organizados tanto pelos *hosts* do *coworking* quanto pelos próprios *coworkers* costumam ser parte de uma cultura própria de cada espaço. Alguns com cultura mais corporativa deixam que os próprios membros organizem encontros e eventos, enquanto em outros o *host* participa ativamente do processo. Esses momentos de interação, além de possibilitarem maiores possibilidades de interações profissionais, ressaltam o caráter de lazer e fuga momentânea do (FUZI, 2015; SOARES; SALTORATTO, 2015; SEO *et al.*, 2017).

1.3. Convivência

A convivência entre os *coworkers* pode ser ressaltada a partir das origens, normas, valores e comportamentos relativamente homogêneos das pessoas que integram os espaços. O acesso rotineiro às relações sociais na forma de uma "comunidade de pensamento semelhante" (WATERS-LYNCH; POTTS, 2017, tradução nossa) pode desencadear processos de socialização, fomento ao desenvolvimento da comunidade, formação de amizades e também criação de uma rede de "boas vizinhanças" (SOARES; SALTORATTO, 2015; BOUNCKEN, 2018).

Essa construção de comunidade é descrita, na maioria das vezes, como fruto das interações informais (GERDENITSCH *et al.*, 2016). Os autores afirmam que essas relações de fato permitem que sejam criadas sinergias e benefícios comuns entre os membros, com a troca de informações de interesse mútuo, confirmando a ocorrência do apoio social direto entre eles.

Para Gerdenitsch *et al.* (2016), os *hosts* dos espaços de *coworking* têm o papel essencial para incentivarem as pessoas a se engajarem nessas relações, por exemplo, exibindo informações (como histórico, habilidades ou a disponibilidade) sobre colegas atualmente presentes. Recursos de colaboração como esses trazem a oportunidade de construir e gerenciar relacionamentos baseados em confiança mútua, comunicação e comprometimento (PARRINO, 2015; LEE, 2016; CASTILHO; QUANDT, 2017).

A convivência também pode ser ressaltada em espaços de *coworking* como meio de retirar as pessoas do isolamento social de um escritório tradicional ou de um *home office*, por exemplo. Waters-Lynch e Potts (2017) mostraram que o trabalho em casa é, convencionalmente, subótimo por diversos motivos que reduzem a produtividade de quem está trabalhando, entre eles, a tensão psicológica.

2. Empresarial/Profissional

A segunda categoria de análise relaciona-se ao âmbito empresarial (no caso de empresas constituídas que se encontram em espaços de *coworking*) ou profissional (para as diversas categorias de profissionais que trabalham individualmente em espaços de *coworking*). A maioria dos achados na literatura se concentra no aspecto empresarial, visto que uma grande parte das relações existentes nesses ambientes geram ganhos para o âmbito corporativo dos *coworkers*, seja pela simples redução de custos ou por um projeto inovador realizado em colaboração. Autores como Capdevilla (2013; 2014; 2015); Fuzi (2015); Waters-Lynch e Potts (2017); Seo *et al.* (2017); Castilho e Quandt (2017); Bouncken (2018) trazem contribuições para o entendimento das relações entre as características dos espaços de *coworking* e seus resultados percebidos, formando três subcategorias de análise: *network*, criatividade/inovação e financeira.

2.1. Network

A pluralidade encontrada nos espaços de *coworking*, junto às possibilidades de conexões profissionais e *networking* são algumas das principais razões pelas quais os usuários escolhem esse modelo de espaço para os seus negócios (FUZI, 2015; SOARES; SALTORATTO, 2015). A união de pessoas de diferentes esferas num mesmo local permite que as interações sociais, a formação de redes e o compartilhamento sejam levados ao seu expoente máximo (CAPDEVILLA, 2015). Essas formações auxiliam profissionais e *startups* a adquirirem mais experiência e a desenvolverem novas atividades empreendedoras (FUZI, 2015; SEO *et al.*, 2017).

As possibilidades de *networking* encontradas nos espaços de *coworking*, surgem das formas mais espontâneas possíveis. Porém, algumas barreiras culturais podem ser consideradas impasses para as interações sociais. Uma delas é a confiança. Capdevilla (2013) e Waters-

Lynch e Potts (2017) destacam que a confiança possibilita a interação e é refletida em múltiplos laços entre os membros. Quando não há ligações suficientes que justifiquem essa formação, há um prejuízo para a formação de redes e de contatos entre os *coworkers* (FUZI, 2015). A autora destaca que a simples co-localização sozinha pode não ser eficaz para estimular essas formações. Castilho e Quandt (2017) complementam a crítica ao levantar as mentalidades que impedem o avanço da cultura de compartilhamento, como a cultura de "ideia roubada", bem como a de "ser amigo de alguém", que entra em conflito com a cultura de "não conversar com estranhos". Isso reforça a capacidade de construtor comunitário que o *host* do *coworking* possui, exercendo um importante papel em mediar o início de diálogos (GERDENITSCH *et al.*, 2016).

Assim, confirmando Capdevilla (2015), os espaços de *coworking* são essencialmente para compartilhamento e interação face-a-face entre atores locais com diversas bases de conhecimento. A formação de *networking* entre eles a partir de "encontros improváveis" facilitam o desenvolvimento da aprendizagem, sua transmissão, a troca de ideias e o fomento à criatividade e inovação, objeto da próxima categoria de análise (SOARES; SALTORATTO, 2015; CAPDEVILLA, 2015; CASTILHO; QUANDT, 2017).

2.2. Criatividade/Inovação

O ambiente colaborativo de um espaço de *coworking* tem forte impacto no resultado inovador dos negócios que integram o espaço. A colaboração e a co-localização são recursos que permitem que as organizações e os profissionais aumentem a possibilidade de se adaptarem rapidamente a ambientes socioeconômicos cada vez mais dinâmicos, incertos e complexos, provocando a evolução de uma simples ação coletiva para uma meta-capacidade genérica de ajuste a esses cenários através da exploração de recursos combinados e complementares (CASTILHO; QUANDT, 2017). Essa combinação é essencial para o surgimento de resultados inovadores que impactam o mercado e aumentam as possibilidades de desempenho e sustentabilidade dos negócios e profissionais envolvidos (SOARES; SALTORATTO, 2015; CASTILHO; QUANDT, 2017; SEO *et al.*, 2017).

Autores com Capdevilla (2014; 2015) e Seo *et al.* (2017) abordam a combinação de recursos a partir do conceito de "polinização cruzada". Esse fenômeno ocorre quando os ambientes são abertos a agentes externos, que, ao associar novos conhecimentos, recursos e tecnologias, formam redes capazes de aumentar a conexão de novas ideias, promovendo a criatividade e a inovação.

O surgimento do ambiente criativo em um *coworking* depende do tipo de colaboração implementada pelos *hosts* e do envolvimento da comunidade (CAPDEVILLA, 2014). Em sua pesquisa, o autor identificou a existência de três tipos de ambientes de *coworking*: o primeiro baseado em um menor grau de colaboração, com os *coworkers* motivados a cooperar pela redução de custos como as contas de luz, *commodities*, aluguel, entre outras. Percebeu-se que, apesar do benefício da redução, os custos de compartilhamento não levavam a práticas colaborativas inovadoras. O segundo tipo de espaço identificado mantinha um grau mediano de colaboração, em que os membros tinham motivações para aprender e aprimorar suas próprias habilidades, capacidades e recursos ou colaboravam com o objetivo de ter acesso a recursos complementares e conhecimentos que lhes faltavam. Esses espaços desenvolviam projetos que fomentavam a criação do senso de comunidade, mas ainda tinham potencial limitado de criatividade e inovação. O terceiro tipo de *coworking* é o mais inovador, onde os *coworkers* se envolvem em práticas colaborativas para criarem novos conhecimentos e obterem novos recursos, respondendo a uma estratégia previamente estabelecida, pelos membros e pelos *hosts*, de exploração da colaboração, abrindo portas para a imprevisibilidade e a improvisação. A identificação dos *coworkers* com esse modelo de colaboração, quando em equilíbrio com os outros membros da rede, possibilita transbordamentos de conhecimento, que os usuários podem aproveitar para gerar ainda mais valor com inovação e criatividade (CAPDEVILLA, 2015).

2.3. Financeira

Sob a perspectiva financeira, percebeu-se que a maioria dos trabalhos existentes se referem aos compartilhamentos de gastos e a redução de custos como maiores fontes de impacto nas finanças dos negócios em *coworking*. Capdevilla (2013; 2014; 2015); Fuzi (2015); Soares e Saltoratto (2015); Seo *et al.* (2017); Riadinska *et al.* (2018) são alguns dos autores que abordaram aspectos financeiros nas suas pesquisas.

Seo *et al.* (2017) identificou em sua análise que, pela perspectiva do usuário, os custos do espaço andam juntos à facilitação (de conhecer outros usuários) como aspectos que atraem pessoas ao *coworking*. Eles afirmam que o desejo do *coworker* é obter desempenho a um determinado preço e, por isso, eles verificam qual plano ofertado pelo espaço mais se adapta às suas necessidades. Uda e Abe (2016) mostram o impacto no desempenho dos usuários é relevante, pois no Japão, dos 152 espaços que responderam à pesquisa, um total de 22 espaços (14,5%) afirmaram que geram todas as vendas dos seus *coworkers*, enquanto 67 espaços (44,1%) geram mais de 80% de todas as vendas dos membros. Isso mostra que estar em *coworking* pode ser crucial para o desempenho financeiro dos negócios, pois muitos deles obtêm receita gerada por estarem integrados a esse ambiente.

O intuito de melhorar o desempenho é um fator atrativo para as novas formas não-padroneizadas de trabalho, oferecendo vantagens na otimização dos custos com pessoal, de produção, proporcionando a melhoria dos indicadores econômico-financeiros e o consequente aumento dos lucros (RIADINSKA *et al.*, 2018). Em um espaço de *coworking* na região sul do País de Gales, 80% dos membros relataram a Fuzi (2015) um aumento na renda proveniente das conexões entre pessoas com diversas habilidades.

3. Infraestrutura

A terceira categoria de análise emergiu das leituras realizadas ao longo da revisão sistemática por apresentarem influência tanto em aspectos pessoais quanto profissionais dos *coworkers*, não se encaixando diretamente nas categorias de análise anteriores. Autores com Capdevilla (2013; 2014; 2015), Uda e Abe (2016) e Waters-Lynch e Potts (2017) trouxeram aspectos avaliados como relevantes para o estudo dos resultados encontrados em ambientes de *coworking*. Duas subcategorias foram identificadas para a análise: localização e ambiente.

3.1. Localização

Apesar de serem mais modestos do que as demais subcategorias de análise, a localização ainda é um dos principais fatores que levam pessoas a procurarem os espaços de *coworking*. Segundo Capdevilla (2013; 2014), os membros buscam estar em locais próximos de casa, a fim de combinar melhor seu trabalho com a vida em família, ou estar em uma localização conveniente, por exemplo, em locais centrais onde possuir um escritório próprio fosse mais custoso, ou em espaços que sejam estratégicos, próximo a clientes em potencial.

A localização influencia a troca de conhecimento, o potencial de inovação, facilita a interação face a face e o *networking*, que são partes da essência do trabalho compartilhado (CAPDEVILLA, 2013; 2015). Waters-Lynch e Potts (2017) ressaltam a perspectiva de Capdevilla (2013) e destacam a coordenação da atividade criativa em ambientes urbanos. Os ambientes de *coworking* criam externalidades positivas a partir dessa concatenação, impactando e transbordando para as rendas dos membros em comunidades, contribuindo para a formação do 'buzz' local.

3.2. Ambiente

Um dos substitutos mais próximos dos espaços de *coworking* é o *home office*. Enquanto 58% dos usuários trocam seus ambientes de trabalho de casa para espaços de *coworking*, apenas 22% são provenientes de escritórios corporativos (UDA; ABE, 2016). Essa migração de casa

para um espaço compartilhado muito tem a ver com o ambiente, pois além de não se estar mais trabalhando sozinho (SPINUZZI, 2012), benefícios podem ser percebidos com essa migração.

Além disso, Capdevilla (2014) também expõe a possibilidade de se obter mais por menos, visto que os *coworkers* podem ter acesso a um espaço melhor, mas que seria caro demais se fosse alugado por uma única empresa.

O autor também afirma que o ambiente compartilhado dá a possibilidade de trocar não apenas ativos humanos, referentes a informações, conhecimentos especializados e inovações, mas também ativos físicos. Esses ativos são ferramentas e máquinas específicas (normalmente muito caras) que podem ser utilizadas pelos profissionais em *coworking*, como *plotters*, impressoras 3D, máquinas de prototipagem, entre outros recursos (CAPDEVILLA, 2014). A combinação de especialidades em ativos humanos e ativos físicos é capaz de reduzir os custos de aquisição e transação, criar sinergias e, além do espaço físico, aumentar a competitividade dos negócios em *coworking*.

Conclusão

Os resultados provenientes dessa revisão sistemática contribuem para o avanço da compreensão teórica sobre as características dos espaços de *coworking* e os resultados dela provenientes, de acordo com as recomendações realizadas pela pesquisa feita por Nakao e Mussi (2018).

Com relação à primeira categoria de análise, os impactos foram inicialmente percebidos no plano pessoal dos *coworkers*. A produtividade de cada um pode ser impactada a partir da combinação entre a colaboração, o apoio social e a interação presentes nos espaços compartilhados, que costuma melhorar a qualidade dos trabalhos, a satisfação com o autodesempenho e, de fato, aumentar a produtividade dos profissionais (GERDENITSCH et al, 2016; UDA; ABE, 2016). Além disso, a formação de um hub social proporciona maiores níveis de motivação e autoconhecimento a partir de características como a flexibilidade e a promoção de atividades extras, como sessões de meditação, relaxamento, entre outras, impactando diretamente a produtividade dos *coworkers* (SOARES; SALTORATTO, 2015).

Já com relação à convivência, os impactos são percebidos tanto na formação de um hub social quanto na colaboração. As interações informais possibilitadas pela co-localização resultam em maiores níveis de apoio social e troca de informações, ao mesmo tempo em que a redução do isolamento social (quando comparado a um home office, por exemplo) é capaz de aprimorar a produtividade e reduzir a tensão psicológica dos *coworkers* (SPINUZZI, 2012; FUZI, 2015; SOARES; SALTORATTO, 2015; WATERS-LYNCH; POTTS, 2017; BOUNCKEN, 2018).

A segunda categoria de análise abordada foi com relação a aspectos empresariais e profissionais. Inicialmente foi investigada a perspectiva do network possibilitado pela convivência em co-localização, em que foi constatado que a formação de hubs sociais passa pela existência de encontros improváveis, que não seriam possíveis caso a estrutura não favorecesse às interações entre os membros. Desses encontros, identificaram-se incrementos na capacidade criativa e inovadora dos profissionais, desenvolvimento de atividades empreendedoras e ganhos em experiência a partir dessas trocas (CAPDEVILLA, 2015; FUZI, 2015; SOARES; SALTORATTO, 2015; CASTILHO; QUANDT, 2017; SEO et al, 2017).

No quesito colaboração, a combinação com o suporte instrumental entre membros gera tipos de sessões com feedbacks, brainstorming e coaching, que ajudam as pessoas a elaborarem ideias e tomarem decisões sobre aspectos profissionais (GERDENITSCH et al, 2016), enquanto a aprendizagem interorganizacional desenvolve o conhecimento tácito, que é o tipo mais difícil de ser copiado, proporcionando experiência e vantagem competitiva para os envolvidos (CAPDEVILLA, 2014).

Os espaços de *coworking* também impactam os projetos dos seus integrantes ampliando seu potencial criativo e inovador. Com a colaboração entre eles, é possível explorar estrategicamente o compartilhamento de ideias e recursos complementares, resultando em diferenciação, troca de conhecimento tácito e inovação. Esses produtos fazem parte da sinergia proporcionada pelo ambiente compartilhado, que combina recursos e faz os negócios ali gerados serem mais sustentáveis do que fora daquele ambiente (CAPDEVILLA, 2013; 2014; 2015; SALTORATTO, 2015; UDA; ABE, 2016 CASTILHO; QUANDT, 2017; SEO et al, 2017).

Sob a perspectiva financeira, os espaços de *coworking* são capazes de, a partir do do compartilhamento de espaço, gerar redução nos custos dos *coworkers* como as contas de eletricidade, água, aluguel, entre outras. Além disso, o risco que seria individual no caso de apenas uma organização estar no ambiente também passa a ser compartilhado, visto que não será apenas uma empresa que irá bancar qualquer eventualidade que ocorrer dentro do espaço (CAPDEVILLA, 2014; SOARES; SALTORATTO, 2015). Na formação do hub social, as conexões realizadas entre pessoas com habilidades complementares também resultam em melhorias no aspecto financeiro, visto que há relatos de aumento de renda e de lucros, melhoria de indicadores, produtividade e ganho de experiência (CAPDEVILLA, 2013; FUZI, 2015; SEO et al, 2017; RIADINSKA et al, 2018). Já a característica colaborativa de formação de comunidades inovadoras provoca, de acordo com Capdevilla (2013; 2014) a redução dos custos de transação, pois seria mais caro investir em pesquisa e desenvolvimento individualmente quando esse processo ocorre de forma conjunta em ambientes compartilhados.

A última categoria de análise identificada, trazendo aspectos tanto pessoais quanto profissionais, refere-se à infraestrutura, que abrangeu os ganhos promovidos pela localização do espaço de *coworking* e o seu ambiente. Os *coworkers*, ao procurar um espaço, consideram sua localização um dos aspectos mais relevantes, seja por serem próximos de sua residência, proporcionando uma melhor combinação do trabalho com a vida em família, ou quando se localizam em pontos centrais ou estratégicos, o que além de os colocarem próximos a potenciais clientes promoveriam a redução do custo quando comparado a locação de um escritório próprio no mesmo local (CAPDEVILLA, 2013; 2014). Como parte da formação do hub social, uma boa localização favorece a proximidade de outros espaços de *coworking* ou de potenciais *coworkers*, contribuindo, portanto, para a criação do ‘buzz’ local, e facilita interação face a face entre os profissionais (CAPDEVILLA, 2013; WATERS-LYNCH; POTTS, 2017).

Com relação ao ambiente, os espaços de *coworking* costumam ter ambientes personalizados, confortáveis, proporcionando locais limpos e adequados para reuniões com clientes e *coworkers* (SPINUZZI, 2012). Além disso, as possibilidades de colaboração aumentam quando combinadas com o compartilhamento de ativos, pois, com isso, os membros têm acesso a máquinas e equipamentos que não teriam condições de adquirir individualmente, situação semelhante a dos próprios espaços, que normalmente são amplos e costumam ser valorizados no mercado. A possibilidade de interação também é citada por Spinuzzi (2012) e Uda e Abe (2016) como parte da formação do hub social, possibilitando que os *coworkers* não trabalhem sozinhos no ambiente e usufruam dos benefícios do não-isolamento.

No entanto, estudos futuros ainda são necessários para o aprimoramento do escopo teórico e prático dos resultados. Inicialmente, o estudo possui a limitação de não ter sido possível ampliar a *string* sem comprometer os resultados da busca nas plataformas. Outra limitação percebida foi a identificação de relatos e efeitos em diversas partes do mundo (Estados Unidos, País de Gales, Brasil, Japão, entre outros), podendo dar aos resultados um certo viés, já que existem muitas diferenças culturais entre os países analisados.

Por fim, como sugestão de estudos futuros, recomenda-se a exploração empírica dos resultados encontrados na revisão sistemática, por meio de métodos qualitativos ou quantitativos, investigar qual a influência das características e evidenciadas pela literatura em

coworking sobre o desempenho das empresas. Essa equiparação da teoria com a vivência em prática possibilitará a confirmação das conclusões obtidas, contribuindo, assim, para a generalização do conhecimento e dos fenômenos que ocorrem nesses ambientes.

Outra necessidade percebida provém de críticas ao modelo de ambientes compartilhados, tecida por autores como Riadinska *et al.* (2018), Fuzi (2015), Waters-Lynch e Potts (2017) ou identificadas em relatos como Capdevilla (2014), que mostram que o *coworking* não é formado apenas por boas práticas e resultados. Percebe-se, então, uma necessidade de investigar melhor a razão dessas críticas e os impactos teóricos e práticos que podem ser percebidos a partir da vivência em ambientes de trabalho compartilhado como os de *coworking*.

Referências

ABE, Tomokazu; UDA, Tadashi. A Correlation Analysis of the Questionnaire Survey on Coworking Spaces in Japan. **Discussion Paper, Series A**, v. 299. p. 1-61. 2016.

ABE, Tomokazu; UDA, Tadashi. Current Status and Issues of Coworking Spaces in Japan. **Discussion Paper, Series A**, v. 302. p. 1-19. 2016.

BILANDZIC, Mark; FOTH, Marcus. Learning beyond books—strategies for ambient media to improve libraries and collaboration spaces as interfaces for social learning. **Multimedia tools and applications**, v. 71, n. 1, p. 77-95, 2014.

BOUNCKEN, Ricarda B. University coworking-spaces: mechanisms, examples, and suggestions for entrepreneurial universities. **International Journal of Technology Management**, v. 77, n. 1-3, p. 38-56, 2018.

BUENO, Salvador; RODRÍGUEZ-BALTANÁS, Gonzalo; GALLEGO, M. Dolores. Coworking spaces: a new way of achieving productivity. **Journal of Facilities Management**, 2018.

BUNNELL, Dave; LINDEN, Van Der. **Is coworking the new incubator?**, 2011. Disponível em: <<https://bit.ly/2Oj8UZ4>> Acesso em: 12 jul 2020.

CAPDEVILA, Ignasi. Co-working spaces and the localised dynamics of innovation in Barcelona. **International Journal of Innovation Management**, v. 19, n. 03, 2015.

_____. Different inter-organizational collaboration approaches in coworking spaces in Barcelona. **Available at SSRN 2502816**, 2014.

_____. Knowledge dynamics in localized communities: Coworking spaces as microclusters. **Available at SSRN 2414121**, 2013.

CASTILHO, Marcelo F.; QUANDT, Carlos O. Collaborative Capability in Coworking Spaces: Convenience Sharing or Community Building?. **Technology Innovation Management Review**, v. 7, n. 12, 2017.

CHEAH, Sarah; HO, Yuen-Ping. Coworking and sustainable business model innovation in young firms. **Sustainability**, v. 11, n. 10, p. 2959, 2019.

DE-LA-TORRE-UGARTE-GUANILO, Mônica Cecilia; TAKAHASHI, Renata Ferreira; BERTOLOZZI, Maria Rita. Revisão sistemática: noções gerais. **Rev. esc. enferm. USP**, São Paulo, v. 45, n. 5, p. 1260-1266, 2011.

ELSEVIER. **Sobre o SSRN**. 2019. Disponível em: <<https://www.elsevier.com/pt-br/solutions/ssrn>> Acesso em: 13 abr 2019.

FUZI, Anita. Co-working spaces for promoting entrepreneurship in sparse regions: the case of South Wales. **Regional Studies, Regional Science**, v. 2, n. 1, p. 462-469, 2015.

GANDINI, Alessandro. The rise of coworking spaces: A literature review. **Ephemera**, v. 15, n. 1, p. 193, 2015.

GERBER, Juliano Zaffalon; MIRANDA, Rodrigo Gabriel de; BORNIA, Antonio Cezar; FREIRES, Francisco Gaudêncio Mendonça. Organização de referenciais teóricos sobre diagnóstico para a previsão de demanda. **GESTÃO.Org: Rev. Eletrôn. de gestão org.**, v. 11, n. 1, p. 160-185, 2013.

GERDENITSCH, Cornelia; SCHEEL, Tabea E; ANDORFER, Julia; KORUNKA, Christian. Coworking spaces: A source of social support for independent professionals. **Frontiers in psychology**, v. 7, p. 581, 2016.

HERNANDES, Elis; ZAMBONI, Augusto; FABBRI, Sandra. Using GQM and TAM to evaluate StArt - a tool that supports Systematic Review. **CLEI Electronic Journal**, Montevideo , v. 15, n. 1, p. 3, abr. 2012.

HOENDERVANGER, Jan Gerard; ERNST, Anja F; ALBERS, Casper J; MOBACH, Mark P; VAN YPEREN, Nico W. Individual differences in satisfaction with activity-based work environments. **PloS one**, v. 13. n. 3. 2018.

HOWELL, Tavis; BINGHAM, Chris. Coworking Spaces: Working Alone, Together. **Kenan Institute Working Paper**, 2019. Disponível em: <<https://unc.live/2wb2g0Z>> Acesso em: 26 ago. 2019.

KÖCHE, José Carlos. **Fundamentos de metodologia científica**: teoria da ciência e iniciação à pesquisa. Petrópolis, RJ : Vozes, 2011.

LEE, Young S. Creative workplace characteristics and innovative start-up companies. **Facilities**, v. 34, n. 7/8, p. 413-432, 2016.

LEFORESTIER, Anne. **The co-working space concept**: CINE Term Project.

MILOVANOVIC, Snezana. Balancing Differences and Similarities within The Global Economy: Towards A Collaborative Business Strategy. **Procedia economics and finance**, v. 23, p. 185-190, 2015.

NAKAO, Breno; MUSSI, Clarissa Carneiro. Uma Nova Configuração Do Trabalho: Análise Interpretativa Da Literatura De Coworking. **CONTEXTUS—Revista Contemporânea de Economia e Gestão**, v. 16, n. 2, p. 53-89, 2018.

PARRINO, Lucia. Coworking: assessing the role of proximity in knowledge exchange. **Knowledge Management Research & Practice**, v. 13, n. 3, p. 261-271, 2015.

PETTICREW, Mark; ROBERTS, Helen. **Systematic reviews in the social sciences: a practical guide**. John Wiley & Sons, 2008.

RIADINSKA, Valeria; KOZACHENKO, Oleksandr; IHNATIUK, Oleh. Prerequisites For The Introduction Of Modern Forms Of Self-employment Of The Population And Their Impact On The Country's Economy. **Baltic Journal of Economic Studies**, v. 4, n. 2, p. 209-213, 2018.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

SAMPAIO, R. F; MANCINI, M. C. Estudos De Revisão Sistemática: Um Guia Para Síntese Criteriosa Da Evidência Científica. **Revista Brasileira de Fisioterapia**. São Carlos, v. 11, n. 1, p. 83-89. 2007.

SEO, Jongseok; LYSIANKOVA, Lidziya; OCK, Young-Seok; CHUN, Dongphil. Priorities of coworking space operation based on comparison of the hosts and users' perspectives. **Sustainability**, v. 9, n. 8, p. 1494, 2017.

SOARES, Juliana Maria Moreira; SALTORATO, Patricia. Coworking, uma forma de organização de trabalho: conceitos e práticas na cidade de São Paulo. **AtoZ: novas práticas em informação e conhecimento**, v. 4, n. 2, p. 61-73, 2015.

SPINUZZI, Clay. Working alone together: Coworking as emergent collaborative activity. **Journal of Business and Technical Communication**, v. 26, n. 4, p. 399-441, 2012.

SUÁREZ, R. **Manual do Coworking: o guia para donos e gestores**. Serendipity Accelerator TM, 2016.

SUPRUN, Nataliia; YELISIEIEVA, L. V. The development of innovative forms of enterprise in Ukraine in terms of globalization in 21 century. **Scientific Bulletin of Polissia**, v.12, n. 4, p. 212-215, 2017.

ŠVIRÁKOVÁ, Eva; SOUKALOVÁ, Radomila; BEDNÁŘ, Pavel; DANKO, Lukáš. Culture managers education: system dynamics model of the coworking design centre. **Procedia-Social and Behavioral Sciences**, v. 174, p. 1684-1694, 2015.

UDA, Tadashi; ABE, Tomokazu. A Descriptive Statistics on Coworking Spaces in Japan. **Discussion Paper, Series A**, v. 297. p. 1-40. 2015.

VAN HOLM, Eric Joseph. Makerspaces and contributions to entrepreneurship. **Procedia-Social and Behavioral Sciences**, v. 195, p. 24-31, 2015.

VANICHVATANA, Sonthya. Investigating Users' Perspectives of Coworking Space: Cases of Bangkok CBD. **Chinese Business Review**, v. 17, n. 9, p. 465-478, 2018.

WATERS-LYNCH, Julian; POTTS, Jason. The social economy of coworking spaces: A focal point model of coordination. **Review of Social Economy**, v. 7, n. 4, p. 417-433, 2017.